

CTN UM NORDESTE PAULISTANO

Mirandulina Maria Moreira Azevedo*
Dulce Maria Tourinho Baptista**
Maria do Socorro Carlos Vidal***

Para início de conversa, o relato a seguir são impressões acerca do Centro de Tradições Nordestinas-CTN, resultantes de uma série de visitas realizadas durante o mês de março de 1999. Três pesquisadoras (Dulce, Soraia e Mira) envolvidas em suas respectivas teses que abordam a migração, tendo em comum também a origem nordestina, partiram para uma espécie de “domingo no parque”, a pensar sobre a distração de nordestinos em São Paulo.

Durante tais visitas, tentou-se perceber em que medida a distração, proporcionada pelo tempo livre e vivenciada nesse espaço, abre possibilidades de rememoração das origens e celebração de determinada identidade ou mesmo práticas culturais. Entretanto, não se esqueceu que o CTN é um empreendimento que

possui uma lógica própria, com atividades dirigidas para um público com origens na região Nordeste, sendo este o verdadeiro mote da empresa.

Os nordestinos, cuja presença é visível na cidade, associam-se neste convívio, que inclui, além do CTN, outros centros semelhantes, tais como “Patativa”, na Zona Sul da cidade. São alguns desses espaços tipicamente nordestinos, de sociabilidade e lazer, que contam com a maciça participação dos conterrâneos.

Para quem veio de lá (do Nordeste), o CTN apresenta-se como um ponto marcado no mapa, um local com um rosto reconhecível numa cidade grande demais, onde predominam multidões e espaços de indefiníveis contornos.

Almoço de fim-de-semana no CTN



Foto: Dulce

Nossa “reportagem” feita com os olhos de, também, migrantes pôde constatar e construir a seguinte reflexão: o CTN é uma espécie de território ambíguo formado de referências que incluem o aqui e o lá. O curioso é que o lá é recriado no aqui, utilizando-se do repertório da memória visual do ambiente urbano das pequenas cidades nordestinas de uma forma que poderíamos qualificar como pop, em duplo sentido: no que se refere à indústria cultural propriamente dita e também no lastro das experiências populares tradicionais. Ou seja, os elementos mais arraigados da memória de vida são presentes, melhor dizendo são presentificados no local.

O ESPAÇO DO CTN

O CTN, complexo de lazer, voltado para o público nordestino foi fundado em uma área de 25 mil metros quadrados. Inclui uma igreja recém-inaugurada - substituindo a capela antiga -, um parque de diversões, um palco e salão de danças, estátuas reverenciando "ídeos" nordestinos como Pe. Cícero Romão Batista, Frei Damião, Lampião, Maria Bonita, Zumbi, Luiz Gonzaga e mais trinta e duas barracas, restaurante de comidas típicas e bebidas e os estúdios da Rádio Atual, que tem em seu saguão fotos do empresário-proprietário e político junto a diversas autoridades nacionais.

A Rádio Atual desempenha significativa difusão da cultura nordestina, além de desenvolver serviços de utilidade pública, que incluem troca de mensagens entre ouvintes de São Paulo e os seus parentes no Nordeste, orientações jurídicas, médicas e sentimentais. A rádio também tem muita importância na localização de pessoas recém-chegadas que procuram familiares.

Nordestinos encontram-se com frequência nesses espaços, ou passeando, ou dançando, ou cantando ou buscando encontrar parentes, conterrâneos e amigos. Buscam aí o reencontro com seus valores. Degustam as comidas típicas (acarajé, abará, moqueca, caruru, cuscuz, vatapá, sarapatel, baião de dois, carne de sol, bolo de macaxeira, carimã, tapioca, mungunzá) e reconstróem espaços de contatos primários em meio às relações impessoais da cidade grande.

Na igreja os vitrais retratam cenas de trabalhadores do Nordeste; confirmam-se a presença, através de imagens, de Padre Cícero e Frei Damião. Os "ex-votos" cedem lugar a uma cestinha de pedidos. Pelo volume de bilhetinhos, os pedidos são muitos e vários.

No contexto do CTN, há também espaço para manifestações da literatura de cordel e da cantoria. *"Existe a cantoria, enduro, cantadores em dupla das minhas gravações... o repentista tabalha mais improvisado. É o da viola onde o orador rimando desenvolve mais de quarenta estilos: sextilha, galopada, gemedeira de seis, gemedeira de dez, boi de cajarana, martelo beira mar, mourão de sete, mourão de dez... Já o embolador canta no pandeiro e é mais decorado, algum deles improvisa algo... mas não são todos."* (Depoimento de um repentista pernambucano no CTN).

O CTN em nada se assemelha aos centros de turismo ou lugares afins, quando realizamos viagens pelo Nordeste. Talvez porque aqui, ao contrário do que acontece por lá, o local seja dirigido ao nordestino pobre, enquanto por lá todas as manifestações são otimizadas para atender ao turista com dinheiro. Tentando extrapolar um pouco mais, não espelhará esse centro a segregação social tão presente na nossa sociedade? Afinal, ao nordestino que migrou para São Paulo, de modo geral, associa-se uma inserção subordinada, que traz consigo uma série de estereótipos: quem não conhece um "baiano" ou jamais cometeu uma "baianada"?



Lampião e Maria Bonita

Foto: Mira

Estátua de Pe. Cícero ao lado da capela

Foto: Dulce



CTN ESPAÇO EMPRESARIAL

A iniciativa de José de Abreu, empresário-político, reproduz no CTN o universo da vida nordestina. Também responde e dá retorno à sua função política, haja vista a sua eleição como deputado federal, colocando-se como liderança frente aos nordestinos. Esse tipo de relação está presente no imaginário da população nordestina em relação aos chefes. Acontece devido a relações sociais já sedimentadas e forjadas pelo clientelismo.

Ao se considerar a criação e implantação de um projeto tipo CTN, identifica-se uma ambiguidade básica: de um lado, a necessidade dos nordestinos de vivenciarem suas experiências culturais de origem e, de outro lado, a opção de lazer e ajuda proporcionada pelo político-empresário. Quer dizer, no caso, uma associação oportuna onde se juntam "a fome com a vontade de comer".

Além do CTN- espaço voltado para o lazer, a religiosidade - integra o complexo empresarial a Rádio Atual.

Esta foi a primeira emissora nordestina de São Paulo, fundada pelo empresário-político paulista, filho de nordestinos, José de Abreu, que percebeu a existência de uma significativa parcela de nordestinos no mercado, pois os mesmos constituem expressivo contingente da população paulistana. Através dela é veiculada a publicidade dirigida para esse público específico, mais precisamente para os segmentos desta população que ocupam a base da pirâmide social. A rádio foi para o ar com a potência de cinquenta mil watts de início, aumentando em seguida para cem mil watts, envolvendo na época da implantação vultoso investimento.

O proprietário desse espaço, pela viabilização da rádio e do complexo de lazer e religiosidade, garante não só a sua sustentação enquanto empresário, como também garante a sua sustentação enquanto político.

Foto: Dulce



Imagem do Pe Cícero no interior da capela

Foto: Mira



Vitral da Igreja exibindo carro de boi

Foto: Dulce



N. S. Aparecida, padroeira do Brasil

A RELIGIOSIDADE

A religiosidade tem muita relevância no cotidiano dos nordestinos. As suas raízes estão sedimentadas na crença que possuem e nos ritos de que participam. As romarias, a devoção aos milagreiros, como Padre Cícero Romão Batista, padroeiro de Juazeiro do Norte e Antonio Conselheiro, que conduziu de forma messiânica nordestinos há cem anos, são ícones dessa prática social. O catolicismo popular está presente na figura de Frei Damião, missionário enviado pelo Vaticano para atuar na Região, que se tornou popular por atuar junto aos desamparados. As crenças nessas figuras míticas trazem para os nordestinos a esperança de salvação e de uma vida melhor.

O CTN possibilita essa vivência. Sabe-se que o seu proprietário (na ocasião em que Frei Damião se encontrava idoso e doente, em janeiro de 1990) patrocinou a sua vinda para São Paulo, para que o mesmo realizasse tratamento de saúde. Gratificado, Frei Damião doou uma batina sua ao CTN. Esta mesma batina, atualmente, veste a imagem de cera encomendada especialmente para a Igreja Nova. A imagem reproduz Frei Damião deitado e está protegida em uma caixa de vidro, com o seguinte texto:

"A vida de Frei Damião, ao lado do povo nordestino, foi uma comovente história de amor, de dedicação, renúncia e humildade. O seu sonho foi ser pastor de almas e trabalhar para os pobres, ensinando a todos a palavra de Deus e o caminho do céu. No dia 3 de março de 1994, quando comemorava os seus 96 anos de idade, Frei Damião veio ao CTN e exatamente nesse lugar, onde desceu de helicóptero e abençoou o povo nordestino que o aguardava, foi construída a Igreja para continuar a alimentar o sonho de Frei Damião." (José de Abreu, 6 de julho de 1998).

Atento a esse traço básico, o CTN procurou reproduzir esse espaço fazendo com que o nordestino, que frequenta, encontre aí um lugar que reproduza suas crenças e romarias.

CTN - UM CENTRO VERDADEI- RAMENTE NORDESTINO?

Tudo isso pudemos perceber ao visitarmos este espaço, conferindo esses sinais da cultura nordestina. Envolvidas nesse ambiente, aproximamo-nos de uma barraca para provarmos da comida tipicamente nordestina. Obtivemos, então, um olhar indagador como resposta a uma pergunta: "Vocês servem paçoca aqui?" Tivesse sido a pergunta formulada em um outro local da cidade, não teríamos estranhado. Mas, no caso, tratava-se de uma barraca, com nome de uma cidade do Rio Grande do Norte, no Centro de Tradições Nordestinas. Frustração geral quando a garçonete nos perguntou: "Paçoca que vocês falam é amendoim socado com açúcar?" O olhar dela, agora, era de surpresa, já que tomávamos cerveja, que não é uma boa companhia para um doce. Decepcionadas nos olhamos com espanto e cumplicidade. O que fizeram à nossa carne de sol socada com farinha de mandioca? Esperávamos encontrar muito da alma e do tempero do Nordeste no local. Talvez fragmentos de memória ou, mais ainda, imagens do que à distância se costumou chamar de "identidade nordestina", se é que existe tal identidade!

As barracas de comida totalizavam 32, das quais em 18 delas vendia-se, supostamente, comida potyguar. Nesta, seus donos eram pessoas que migraram do Rio Grande do Norte para São Paulo há mais de dez anos; eram todos parentes ou amigos. Observava-se, então, que em meio a imagens, costumes e valores nordestinos

transplantados na metrópole, restabelecia-se também através das redes sociais, relações de compadrio, reciprocidade e vínculos com o território de partida que, evidenciados na presença de nordestinos de uma mesma origem (Rio Grande do Norte, particularmente da região do Agreste Potyguar, municípios de Caiçara, Lagoa de Pedra, Nova Cruz e Santo Antonio) e, operacionalizados neste espaço, garantem para esse grupo ligado pela conterraneidade, vizinhança e parentesco um espaço privilegiado de comércio no interior do CTN. Isso demonstra que ao procurarem reproduzir ou se aproximar de sua cultura de origem, os migrantes nordestinos criam novas estratégias sociais, apoiadas nas redes sociais e nesta "identidade" nordestina, como busca de novos referenciais para sua existência.

Em conversas com alguns deles, constata-se que as diferenças entre o que se tem aqui e o que se tem lá são grandes. Da cozinha, resta apenas a lembrança da carne de sol e da tapioca. Ao que tudo indica, o CTN foi criado como um espaço comercial, cuja clientela atende especialmente ao apelo de ser ali um lugar de encontro de nordestinos. Um ponto comercial dirigido aos nordestinos residentes em São Paulo, os quais sabemos são em número significativo.

* *Mirandulina Azevedo é Arquiteta e Doutoranda em Geografia/USP.*

** *Dulce Baptista é Mestre em Serviço Social PUC/SP e Doutora em Ciências Sociais PUC/SP.*

*** *Maria Vidal é Doutoranda em Ciências Sociais PUC/SP.*

Foto: Mira



Foto: Mira

